



NARA GLEISIA FERREIRA

# ATELIÊ-CONVERSAÇÃO

METODOLOGIA DE TRABALHO, INTERVENÇÃO E PESQUISA

CONCEPÇÃO, ELABORAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Nara Gleisia Ferreira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Nara Gleisia Ferreira

F383a Ferreira, Nara Gleisia, 1985-  
Ateliê-conversa o [recurso eletr nico] : metodologia de trabalho,  
intervens o e pesquisa / Nara Gleisia Ferreira. -- Belo Horizonte : UFMG / FaE /  
Promestre, 2024.  
17 p. : il., color.

[Obra produzida em conjunto com a disserta o de mestrado da autora,  
com o título: O visível e o quase invisível [manuscrito] : uma pesquisa acerca das  
intera o es entre adolescentes e agentes em unidades do socioeducativo de Belo  
Horizonte / Nara Gleisia Ferreira. -- Belo Horizonte, 2024. -- 178 p. : enc., il., color.  
-- Disserta o -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade  
de Educa o. -- Orientador: Pedro Teixeira Castilho.].  
Bibliografia: f. 17.

1. Educa o. 2. Psicanálise de grupo. 3. Adolescentes -- Dinâmica de  
grupo. 4. Adolescentes -- Assistência em institui o es. 5. Socioeduca o.  
6. Psicanálise do adolescente.  
I. Título. II. Castilho, Pedro Teixeira, 1976-. III. Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Educa o.

CDD- 362.7

**Catolog a o da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

Caros(as) leitores(as),

As interações seguem despertando meu interesse. Chama a minha atenção, em especial, que todas as interações, mesmo as mais triviais, afetam o dia a dia de qualquer instituição. Nos últimos anos, tenho pensado as interações sociais a partir das práticas desenvolvidas nas instituições onde atuei, buscando evidenciar que todas as tarefas, mesmo aquelas comumente rotuladas como burocráticas e/ou banais, devem ser vistas como dispositivos que facilitam ou complicam as relações.

Buscando dar sequência, iniciei o Mestrado Profissional em Educação e Docência da Universidade Federal de Minas Gerais, com a finalidade de estudar as interações entre adolescentes e agentes de segurança socioeducativos. O título da minha pesquisa é *O visível e o quase invisível: Uma pesquisa acerca das interações entre adolescentes e agentes em unidades do socioeducativo de Belo Horizonte*.

Vale dizer que ela surge de alguns relatos de jovens que foram atendidos nas instituições em que trabalhei. Os relatos demonstravam a complexidade do processo de interação entre jovens e agentes socioeducativos; além do possível efeito dessa relação no cumprimento da medida. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como e quais fatores interferem direta ou indiretamente na interação entre adolescentes e agentes em unidades do socioeducativo de Belo Horizonte; compreender como o processo de interação entre os adolescentes e os agentes atua na (re)produção de estigmas e identificar quais são as saídas construídas pelos adolescentes como resposta às interações.

No estudo, destaco a dinâmica e a complexidade do processo interacional, que engloba uma variedade de fatores ligados à instituição, à adolescência, ao discurso jurídico, entre outros, que interferem nas relações e, conseqüentemente, no trabalho de toda a comunidade socioeducativa. Compreendendo que a rotina, por vezes, dificulta o reconhecimento de que certas práticas reforçam-perpetuam algumas certezas advindas de representações sociais cada vez menos questionadas, defendo a importância de refletir sobre a prática porque pensar a prática ensina que a forma como realizamos o trabalho e compreendemos as circunstâncias fazem parte do contexto da prática social. Reconhecendo que todo sujeito é social, sustento que adotar uma postura não-indiferente assegura o trato das semelhanças e diferenças dos sujeitos e que essa compreensão é uma posição metodológica e ética que demanda esforço de autorreflexão e distanciamento. Todas as discussões-análises desenvolvidas na pesquisa tomaram as falas dos jovens recolhidas durante os ateliês-conversaão.

Esta cartilha foi elaborada como recurso educacional da minha pesquisa. Nela, apresento o ateliê-conversaão como uma metodologia de trabalho, pesquisa e intervenção. Com o objetivo de contribuir na construção de metodologias que permitam a criação de um espaço de fala e escuta que dialogue com as complexidades da experiência analítica em contextos que envolvem a adolescência e a socioeducação.

# SUMÁRIO

- 1 O que é o ateliê-conversaçoão?
- 3 Como surgiu?
- 5 Conheça sua estrutura
- 7 Você precisa saber

# O que é o ateliê-conversaço?

É uma metodologia cujo objetivo é criar um espaço de circulação da palavra e de intervenção que seja capaz de minimizar alguns dos possíveis desconfortos que as interações podem causar. Surge da interlocução entre a conversaço e o ateliê, dispositivos utilizados pela psicanálise e pela educação. Trata-se de uma metodologia que aposta na palavra, tem a escuta orientada pela atenção flutuante e o aporte dos objetos, dos *vários* e do espaço.

Compreendo-o como um espaço propício ao diálogo que se estabelece na contingência das interações. Digo isso, porque ele se dá “entre contingência e necessidade, entre a série dos encontros e sua transformação efetiva em uma prática” (Stevens, 2007, p. 77), funciona conforme as contingências e com a demanda que naturalmente se desfaz e torna-se o lugar do possível.

A pessoa que o conduz, ou seja, o(a) mediador(a) é exposto(a) à impossibilidade de uma prática com respostas e intervenções prontas, dado que as intervenções são guiadas pela escuta e pelas interações. Logo, é indispensável estar atento ao que os sujeitos dizem (linguagem verbal e não verbal), pois isso é o que permite, sempre que necessário, modificar o rumo dos encontros. Contudo, não se trata “de sustentar qualquer coisa de qualquer jeito. Há uma regulação necessária. Não se diz sim a tudo” (Stevens, 2007, p. 77).



# Como surgiu?

Havia uma dificuldade em encontrar um método que permitisse escutar e acolher as singularidades dos jovens sem deixar de lado o rigor que a academia pede. O desafio consistia em encontrar um método que fosse implicado com o caminho que a pesquisa seguiria e o justificasse, e que, ao mesmo tempo, estivesse em conformidade com a metodologia de trabalho, já que, para mim, pesquisa e trabalho são indissociáveis.

Nessa busca, pensei na conversação, um dispositivo psicanalítico que tem sido utilizado como operador teórico em várias pesquisas em psicanálise e educação, incluindo pesquisas realizadas na Faculdade de Educação da UFMG. Normalmente, a conversação é proposta a partir de um mal-estar de um grupo ou uma instituição, mas para a pesquisa a demanda inicial era minha. Ou seja, inicialmente não existia uma queixa, um mal-estar. Além disso, acreditava que oferecer a palavra a indivíduos que estão muito mais acostumados a serem falados e descritos talvez não fosse o bastante para que eles se sentissem confortáveis e/ou desejassem falar sobre si e sobre o seu entorno.

Então, tomei minha prática profissional como bússola, em especial, a metodologia adotada pelo Centro de Atendimento e Proteção ao Jovem Usuário de Tóxicos (CAPUT) e pelo Desembola na Ideia, instituições nas quais trabalhei. Nelas, os ateliês não eram simples oficinas (de artes, música, arquitetura, etc.) porque sua finalidade era ampliada. Eles eram um lugar de invenção e tratamento do mal-estar pelo simbólico. Vale dizer que, embora nessas instituições os adolescentes recebessem atendimento psicossocial, alguns assuntos (as confidências, as queixas, os restos dos atendimentos, etc.) só apareciam nos ateliês e nos corredores, isto é, no exterior das salas de atendimento.

Voltando o olhar para as atividades, era muito claro que o fazer (colar, desenhar, costurar, cozinhar, produzir as batidas do funk, etc.) intermediava o encontro entre os adolescentes e os profissionais, permitindo, por exemplo, que os jovens que estavam nervosos se acalmassem e os que não sabiam como dizer escrevessem. Compreendo que esse processo permitia – e ainda permite – que o jovem, ao se envolver no processo do fazer, não se preocupasse e/ou importasse tanto com a maneira como se expressava ou com o olhar alheio.

A partir disso, acreditando que o fato de ter outro ponto para fixar a atenção enquanto a conversação fosse realizada ajudaria a diminuir os possíveis incômodos, na pesquisa-intervenção optei por utilizar simultaneamente a conversação e o ateliê, dando origem ao ateliê-conversação.



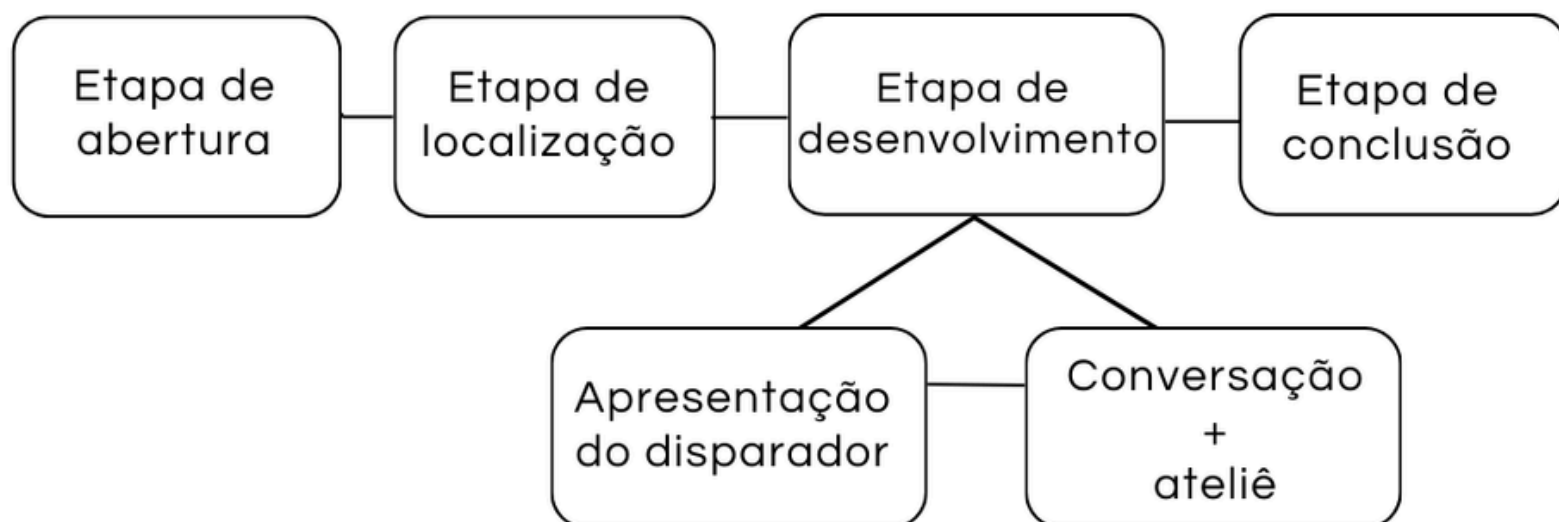
VOCÊS NÃO VÃO  
PARA O  
PRISONAL

VÃO MELHORA  
VÃO AQUILO  
VÃO PARA O  
INFERNO

MELHORA OS AGENTES.  
EU QUERO IR ENFOR

# Conheça sua estrutura

A estrutura de base do ateliê-conversa o pode ser representada pelo esquema abaixo:



Após a **etapa de abertura**, na qual o(a) mediador(a) deve promover um momento de apresenta o dos sujeitos, ele(a) deve reforçar o ateliê-conversa o como um lugar de fala e escuta;   a **etapa de localiza o**. Essa etapa permite que o(a) mediador(a) passe algumas informa es que deixem claro o motivo (objetivo) do encontro.

A **etapa de desenvolvimento**   a fase destinada   apresenta o dos disparadores e execu o do ateliê-conversa o. Todo ateliê-conversa o inicia-se a partir de um disparador (ponto de partida). A saber, o disparador não está ligado a perguntas pré-estabelecidas, pois assim como na conversa o, o mediador realiza as interven es a partir daquilo que escuta. Portanto, ele não utiliza perguntas pré-definidas. Dito isso, a escolha do disparador está condicionada   participa o e   emergência de questões relevantes para os jovens. Desse modo, sempre que necessário, o tema   (re)orientado. O objetivo   que o ateliê-conversa o seja feito com os sujeitos e não para eles (Freire, 1987), permitindo que cada um assuma uma postura ativa.

Na **etapa de conclusão**, o(a) mediador(a) promove o fechamento do encontro.   importante saber o momento de abrir e fechar o ateliê-conversa o.



A colagem utiliza as xilogravuras produzidas pelos jovens que participaram da pesquisa

# Você precisa saber

Todo ateliê-conversaçoão acontece com a palavra ocupando uma posição superior na hierarquia do manejo. A fala introduz um efeito de significante na comunicação entre os sujeitos. Para Lacan (1953/1998), a comunicação possui função transformadora porque estabelece uma relação entre o enunciador e o receptor. A palavra não possui um único sentido, sempre tem um mais-além. Além do que o discurso expressa, existe o que ele realmente quer dizer, e, além do que ele quer dizer, existe um outro desejo de dizer, ou seja, o sentido não se esgota (Lacan, 1953/1998).

Em uma análise da linguagem, a significação é a soma dos empregos das palavras. Na linguagem, “os signos adquirem valor por sua relação uns com os outros” (Lacan, 1953/1998, p. 298). Outro ponto importante é que “a função da linguagem não é informar, mas evocar” (Lacan, 1953/1998, p. 301). Nessa medida, a circulação da palavra faz com que o sujeito diga um mais-além, ou seja, ele sempre diz mais do que quer e sabe. Nela, um significante chama outro significante que adquire sentido a partir da relação que estabelecem entre si, permitindo que o saber inédito surja independentemente da vontade do sujeito.

A partir disso, com o ateliê-conversaçoão, assim como com a conversaçoão, espera-se criar condições para que a circulação da palavra permita a produção de um saber inédito, que se dá no grupo, mas de maneira particular; balançar as certezas; destravar as identificaçoões sem o objetivo de fornecer novas identificaçoões, sem assentir com o gozo do blá-blá-blá (Miranda; Santiago, 2010; Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006). Além disso, a ideia é que o ateliê-conversaçoão seja um local de fala e escuta que permita ao jovem, acostumado a ser falado-descrito, falar sobre suas vivências, sobre a maneira particular de lidar com elas e com o mal-estar que advém delas.

Nos próximos parágrafos falarei sobre os elementos que compõe o ateliê-conversaçoão, a saber: a conversaçoão, os vários, os objetos e o espaço.

## **A Conversaçoão**

Jacques-Alain Miller criou a conversaçoão nos anos 90, como uma estratégia de trabalho para o Centro Interdisciplinar sobre a Infância (CIEN). Ela entrou nos espaços educacionais como um lugar em que se pode falar e como um instrumento eficiente na luta contra o efeito de segregação de que crianças e adolescentes são vítimas (Lacadée, 2000, 2007).

### A conversaçoão

[...] é um modo de associação livre caso seja exitosa. A associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes. Um significante chama outro significante, não sendo tão importante quem o produz em um momento dado. Se confiarmos na cadeia de significantes, vários participam do mesmo. Pelo menos é a ficção da conversaçoão: produzir – não uma enunciaçoão coletiva – senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão ideias, me ajudam e, finalmente, resulta – às vezes – algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas (Miller, 2005, p. 15-16).

Não se trata de uma enunciação coletiva, pois não se pretende alcançar um consenso ou encontrar o que é similar sobre um tema específico. Ela permite interrogar coletivamente e, simultaneamente, de forma singular, o que anteriormente possuía valor de verdade.

A expectativa é que, a partir da captura de um significante, surja “um saber inédito transmitido pelo próprio sujeito” no grupo, mas de forma particular (Miranda et al., 2006; Ferreira, 2018). O importante não é o “saber fixado do sujeito, organizado pelo simbólico ou preso ao significante dado pelo Outro” (Miranda et al., 2006, s/p), mas o que é não sabido, o que “a palavra pode fazer ouvir mais além do sentido comum, no mal-entendido” (Ferreira, 2018, p. 133).

Na conversação, a fala surge como uma chance de questionar os discursos prontos, promovendo “uma prática inédita da palavra” com o objetivo de subverter o laço social daqueles que são silenciados e/ou marcados por identificações (Miranda et al., 2006; Ferreira, 2018). Nessa perspectiva, a circulação discursiva pode atuar como um mecanismo para destravar as identificações. No entanto, ao realizar uma conversação, não se objetiva que os participantes substituam uma identificação por outra, nem se cogita fornecer “boas” identificações. O desejo é que os participantes sejam capazes de ouvir algo que até então não tinham escutado, questionem-se, separem o que é seu do que é resultado das nomeações recebidas dos outros, aprendam com o que foi percebido e, a partir disso, encontrem novas saídas (Miranda et al., 2006).

### **Os objetos**

Os objetos são usados na tentativa de diminuir os efeitos do Outro. Eles atuam como mediadores e disparadores das interações, mas não ocupam uma posição acima da palavra. O ponto fundamental dessa utilização é o sujeito se apropriar do objeto, tornando-o parte do processo. Nessa utilização, a simbolização não se dá apenas por meio das palavras, mas também por meio do que é produzido (imagens, recortes, música, etc.). Ou seja, no ateliê-conversação, o saber é produzido no fazer, digo, o saber inédito emerge da circulação da palavra e no fazer.

Na psicanálise, o conceito de objeto é complexo. Aqui, não discutirei todas as definições. Meu objetivo é apresentar, de maneira sucinta, algumas definições que me permitiram compreender o objeto como um mediador. Na obra de Freud, o objeto sempre está associado ao processo da história de vida do sujeito. Portanto, mesmo a escolha de objeto, mesmo que não

## #ficaadica

Saiba mais sobre a Conversação, lendo o texto *Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa*, de Margarete Parreira Miranda, Renata Nunes Vasconcelos e Ana Lydia Santiago.

Clicando na imagem, você será direcionado para o texto citado.



seja por acaso, não pode ser vista como totalmente determinada, seja por uma decisão soberana da consciência ou do ego. O objeto é simultaneamente interno e externo. Sendo necessário reconhecer que Freud supõe um sujeito (pulsional) formando objetos, e também objetos (de identificação) formando o sujeito (Junior, 2001).

Na obra de Lacan, existem várias definições do *objeto a*, incluindo: ele pode ser um objeto que equivale ao outro (semelhante), um objeto que representa a angústia, uma forma do gozo e um objeto causa. Ele organiza os discursos, portanto, organiza os diferentes laços sociais. O autor posiciona o *objeto a* entre o Imaginário, Simbólico e Real, funcionando como um articulador entre os discursos, condensador de gozo. Ele é o impossível que reúne os registros que estão desarticulados, sem o ponto de unificação. Lacan também afirma que na insatisfação de gozo, na relação amorosa, o objeto aparece de distintas maneiras, mas geralmente aparece como “aquilo que se deseja”, conhecido como agalma, uma das figuras do *objeto a*, desempenha uma função na transferência, de indução das relações amorosa e desejante (Dunker, 2016).

Finalmente, outra concepção importante é a de objetos autísticos proposta por Jean-Claude Maleval. Para o autor, eles atuam como uma proteção contra a perda, são utilizados como parte do corpo para dar a sensação de segurança ou para desviar a atenção.

Durante meu trabalho no CAPUT e no Desembola, enquanto observava os ateliês, percebia rastros dessas definições. Era perceptível que alguns objetos faziam parte da construção do sujeito; quando utilizados, ajudavam/permitiam ao sujeito representar uma característica, um desejo, etc. e, embora não fossem utilizados como parte do corpo, mantinham o papel de proteção e/ou desvio da atenção. Lá, os objetos externos também atuavam como organizadores. Definitivamente, os adolescentes se organizavam, por exemplo, a agitação causada pelo “sacode” recebido, num certo dia, em um ateliê, transformou-se em palavra, virou música.

No ateliê-conversa, durante a realização da pesquisa-intervenção, os objetos mantiveram essas funções. O sonho ganhou forma quando foi colocado no papel e a dificuldade de sonhar por ora foi deixada de lado. O espelho permitiu perceber algumas mudanças e iniciar uma descrição/representação de si. Embolar papel aleatoriamente e dobrar pedacinhos de papel para fazer passarinhos fizeram a conversa fluir. Fazer uma xilogravura a partir de uma exposição evocou não as obras, mas aquilo que é mais particular: o nome, um coração partido e a quebrada.

Em todos esses casos, quando os adolescentes passaram a utilizar os objetos, fizeram deles parte do processo de criação, organização e simbolização. Nessa medida, os jovens também falaram pelo desenho e pela escrita. Compreendo que a produção tem valor de associação livre; que o fazer, aquilo que foi produzido, teve efeito de linguagem.

Além disso, os objetos funcionaram como mediadores. A mediação, segundo Jeannine Duval-Héraudet (2020), no papel de intermediária, desempenha “uma tripla função: colmatar uma ruptura sustentada, recuperação transformadora e simbolização” (Duval-Héraudet, 2020, p. 3). Ela é proposta pelo responsável pelo encontro, mas é necessário que seja aceita, não causa

O orgulho da minha familia  
O Carro  
O Moto  
Uma familia daqui um <sup>90</sup> ANO  
A CASA  
TRABALHO

\$ \$ \$ \$  
Fica Milhonario  
Para deixa MINHA  
Familia Bem \$

CASA É VIVER  
PARA BEM  
MINHA  
MÃE EU SAR  
MUITO  
BEK

SONHOS.

QUAL É O

SONHOS.

SEU SONHO?

O SEU SONHO?

O SEU SONHO?

SONHOS. QUAL É O SEU SONHO?

SONHOS. QUAL É O SEU SONHO?

SONHOS. QUAL É O SEU SONHO?

SONHOS. QUAL É O SEU SONHO?



prejuízo ao investimento subjetivo do sujeito no seu processo de reeducação nem aos movimentos transferenciais dos envolvidos, concretiza o terreno da interação e uma limitação ao relacionamento (Duval-Héraudet, 2020).

Em suma, mediação significa ato ou efeito de mediar, relação que se estabelece entre duas coisas, ou pessoas. A mediação é um processo que envolve a ajuda de um elemento que serve de ponte na interação, isto é, um terceiro é inserido entre, no meio da interação, transformando a interação direta em indireta, uma vez que é intermediada por um elemento. No ateliê-conversaço, esse terceiro é um objeto – lápis, papel, tinta, canetinhas, pincel, bandeja de isopor, entre outros.

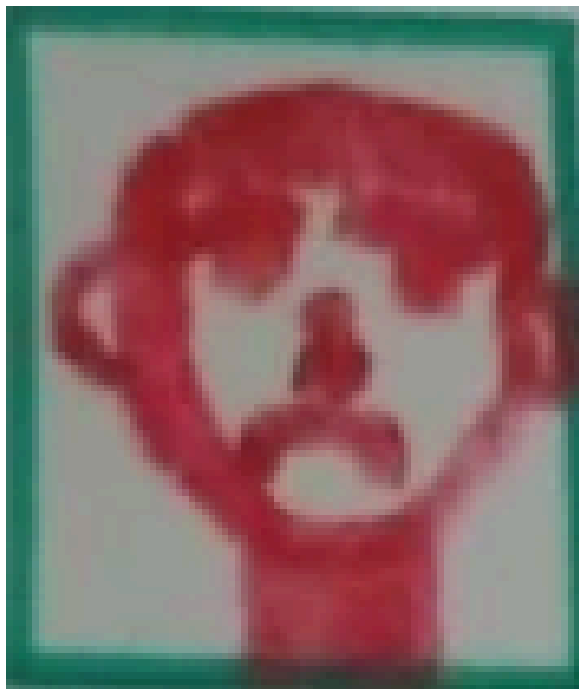
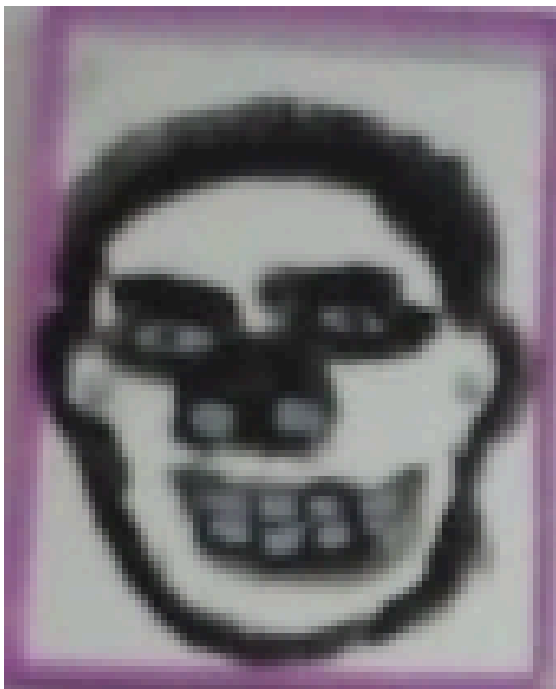
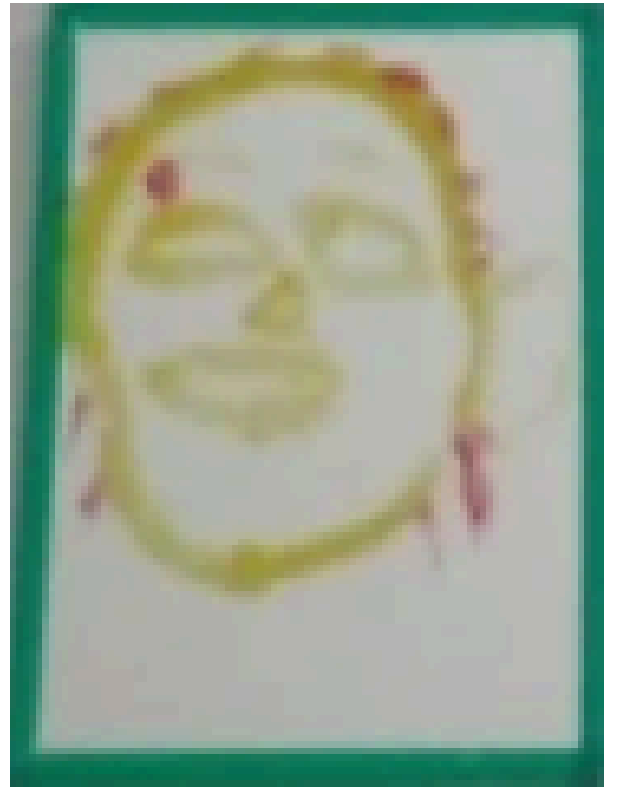
### **Os vários**

O ateliê-conversaço é uma *prática entre vários*, pois se utiliza dos vários para favorecer a construção do laço. Para aqueles que não estão familiarizados com a *prática entre vários*, o elemento ativo dessa prática nem sempre é “o psicanalista, pelo menos não é um psicanalista inscrito no elenco de psicanalistas” (Viganó, 2012, p. 147). O que opera como elemento ativo é o desejo do analista, “um desejo capaz de tratar o real do sofrimento. Assim, não é uma profissão, é uma posição do sujeito” (Viganó, 2012, p. 147).

A *prática entre vários* aposta no potencial de produção de discurso, isso permite operar a partir do não saber a fim de possibilitar ao outro saber de si. Ela é um facilitador do manejo, visto que utiliza os *vários* para favorecer a construção de algo que faça laço. Significa que pessoas de diferentes formações participam da realização do ateliê-conversaço. Contudo, mesmo que coexistam vários discursos, é a psicanálise que dita o tom do ateliê-conversaço, fornecendo mecanismos que permitem ao sujeito saber sobre si e sobre situações que acreditava desconhecer.

A pluralidade e a diferença são relevantes no grupo, enquanto estão a serviço das invenções dos participantes. Por exemplo, uma integrante da Comissão de Mobilização (campo de pesquisa), que era oficinaira em alguns socioeducativos, frequentemente atuava como ponte entre os jovens e os demais membros. Dada a particularidade da Comissão (ser um dispositivo do Fórum Permanente do Sistema Socioeducativo Permanente Socioeducativo), ela conseguia atenuar a desconfiança dos adolescentes e dos profissionais (equipe técnica das unidades) em relação à Comissão, facilitando a chegada e até a participação dos adolescentes.

A partir da utilização dessa *prática entre vários*, a transferência que o adolescente, normalmente, localiza no mediador está também em seus variados membros. O trabalho a partir dessa prática extrapola o fazer específico de cada membro; se tudo correr como se deseja, os adolescentes criarão transferência com o espaço (por exemplo, a Comissão, uma instituição, etc.) que é animado pelos *vários*. Nela, todos realizam intervenções. Mas o ateliê-conversaço precisa de um mediador, que busca intervir, articular, organizar e manter a interação. Ele é o responsável por evitar que a fala se esvazie, estabelecer limites, produzir uma regulação porque não se pode dizer sim a tudo.



Autorretratos produzidos pelos jovens que participaram da pesquisa



## O espaço

Nas instituições em que trabalhei, a transferência era diluída entre os *vários* e a instituição (espaço físico). Muitos foram os episódios em que um jovem chegou nervoso, agitado, triste e se apaziguou ao chegar à instituição, sem a presença do técnico de referência. Em outros, alguns jovens relataram que não sabiam explicar como foram parar na instituição.

Poderia citar vários episódios para ilustrar o efeito exercido pelo espaço sobre os sujeitos e sobre as interações, entretanto, trago um exemplo. No Desembola, a circulação pela instituição permitia aos adolescentes e à equipe encontrar utilidade para o espaço e para o próprio corpo. Os espaços (corredores, jardim e salas) eram usados pelos jovens como uma forma de suportar os encontros com a equipe e com outros jovens. A maneira como circulavam pela instituição, por vezes, os poupava da dificuldade de traduzir simbolicamente esse encontro. Além disso, a circulação na instituição marcava a necessidade de um distanciamento. Às vezes, quando um jovem queria “um tempo sozinho”, demonstrava isso de forma concreta e clara, mantendo o seu corpo distante dos demais.

Isso significa que a singularidade aparece também no uso que os jovens e os demais sujeitos fazem do espaço e no modo como utilizavam o próprio corpo no espaço. Sendo necessário, permitir que o jovem encontre no espaço maneiras de lidar, por exemplo, com a angústia e a frustração.

A partir dessa perspectiva, o espaço pode funcionar como um contra-espaço. Foucault apresenta construções importantes sobre o conceito de contra-espaço, também nomeado de heterotopias. Estas são lugares “absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros”, absolutamente outros (Foucault, 2013a, p. 20), que “assumem evidentemente formas muito variadas, e talvez não se encontre uma única forma de heterotopia que seja absolutamente universal” (Foucault, 2013b, p. 117). As heterotopias são “espaços singulares que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das dos outros, ou terminantemente opostas” (Defert, 2013, p. 52).

O ateliê-conversação se aproxima das heterotopias, nos seguintes aspectos: possui um objetivo e um tempo de duração, possui uma etapa de abertura e de fechamento, pode ser alterado se adaptando ao grupo, pode reunir outros espaços, como o contexto vivido pelo jovem, pelos vários e o de realização do ateliê-conversação.

Na pesquisa, os ateliês-conversação funcionaram como um contra-espaço, uma vez que se opuseram à realidade vivida e narrada pelos jovens. Neles, eles tinham consciência de que podiam expressar suas opiniões sobre qualquer tema e se sentiam confortáveis para tal. Um exemplo ilustrativo do efeito do espaço: um jovem que chegou bravo, ficou de pé, contou o que ocorreu, sentou-se e, com o passar do tempo, se apaziguou. Outro exemplo, uma pergunta sobre o nome de uma fruta abriu caminho para o começo da conversa.

Além disso, um aspecto importante foi permitir que os jovens utilizassem o espaço da sua maneira, os usos eram respeitados dentro do possível. Como isso foi feito? Aceitando que um adolescente conversasse em pé durante todo o encontro, estabelecendo acordos quando um jovem queria conhecer o entorno do jardim, entendendo que, em algumas ocasiões, não é possível manter uma conversa por um tempo maior porque o espaço retirou a atenção da conversa e a colocou em outro lugar.

### **Sobre a aplicação do ateliê-conversação à pesquisa-intervenção**

Faço algumas ponderações, no que diz respeito à utilização do ateliê-conversação como metodologia de pesquisa-intervenção em psicanálise e educação:

- O ateliê-conversação, embora faça uso dos objetos e dos vários, trata-se de uma oferta de palavra. Observe: o que se oferta é a palavra; um significante puxa o outro; as intervenções são feitas por meio da palavra; é preciso ficar atento ao gozo da palavra; o poder de transformação está na palavra.
- O ateliê-conversação não soluciona os problemas, ele oferece uma oportunidade de questionar os discursos prontos, provocando intervenções naquilo que é do senso comum, permitindo vacilar aquilo que antes tinha valor de verdade.
- O número de encontros deve ser predeterminado.
- A coleta de dados deve ser realizada por meio de fotografias, vídeos e/ou áudios, para evitar prejuízos relacionados ao conteúdo enunciativo. Além disso, a análise não precisa se limitar apenas às falas, os restos (desenhos, recortes, entre outros) dos encontros também devem/podem ser analisados.
- Apesar de toda pesquisa-intervenção começar com uma hipótese, é crucial que as interpretações sejam baseadas no que foi coletado, independentemente de o resultado corroborar ou refutar a hipótese formulada pelo(a) pesquisador(a).

ME VEJO

"COMO UM ADOLESCENTE RESSOCIALIZADO"

Apoio da família.  
marcha que o crime não forma um  
durão  
não a família como um apoio e  
do valor que realmente  
importa 1 de 2 famílias? Eu



MELHORA OS AGENTE.

EU QUERO IR EMBORA  
EU  
TO CANSADO DE COMER  
TEX 11:00 HORAS

"VOCÊS NÃO VÃO  
PARA O  
PRISIONAL"

É NO PAI QUE VCS NÃO  
VAI ACABAR  
INDO PRO  
INFERNO"

MELHORAS PARA A UNIDADE  
MELHORA AS REFEIÇÕES  
ATIVIDADES NO HORARIO CERTO  
ASSEMBLEIA NÃO SERVE PRA NADA  
EU MANDA EU IR EMBORA

MELHORAR MELHORA NOSSA FORMA DE  
PENSAR E DE VIVER E TER MAIS CONCIENCIA

ACCELERAR O ALVÁRA

## Referências bibliográficas

- DEFERT, Daniel. “Heterotopia”: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013a, p. 33-55.
- DUNKER, Christian. **O que é objeto a em Lacan?**, 17 jul. 2016b1 vídeo (5 min 55). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGD5Z5LBDW8>. Acesso em: jan. 2024.
- Duval-Héraudet, Jeannine. **Médiation, objet tiers, objet transitionnel, objet de relation, dans l'aide**. 2020. Disponível em: <http://www.jdheraudet.com>.
- FERREIRA, Tânia. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra – a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Angela (org.). **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos Avançados, v. 27, n. 79, p. 113–122, 2013b.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.
- FREIRE, Paulo. **Paulo Freire e os educadores de rua: uma abordagem crítica**. Brasília: Unicef/Funabem, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. A noção de objeto na psicanálise Freudiana. **Ágora**, v. IV, n. 2, p. 37-49, jul./dez. 2001.
- LACADÉE, Philippe. Da norma da conversação ao detalhe da conversação. In: LACADÉE, Philippe; MONIER, Françoise (org.). **Le Pari de la conversation**. Paris, 2000. Disponível em: <docero.com.br/doc/cs0cve0>. Acesso em: 15 mar 2022.
- LACADÉE, Philippe. No espírito da conversação interdisciplinar: um jogo da vida. **CIEN-Digital**, n. 1, p. 7-9, out. 2007b. Disponível em: <ciendigital.com.br>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- LACAN, Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.
- MATTOS, Sérgio. A disponibilidade do analista. **Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 42, p. 19-26, abr. 2003 .
- MILLER, Jacques Alain. Problemas de pareja, cinco modelos. In: MILLER, Jacques Alain (org.). **La pareja y el amor: conversaciones Clínicas con Jacques-Alain Miller en Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 15-20.
- MIRANDA, Margarete Parreira; SANTIAGO, Ana Lydia. As conversações e a psicanálise aplicada à educação: um estudo do mal-estar do professor e o aluno considerado problema.. In: **O declínio dos saberes e o mercado do gozo**. São Paulo, n. 8, 2010. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032010000100039&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100039&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 23 fev. 2022.
- MIRANDA, Margarete Parreira; VASCONCELOS, Renata Nunes; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. **Psicanálise, Educação e Transmissão**, n. 6, 2006. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032006000100060&script=sci_arttext). Acesso em: 27 jun. 2021.
- STEVENS, A. A instituição: prática do ato. In: Associação do Campo Freudiano (org.). **Pertinências da psicanálise aplicada: Trabalhos da escola da causa Freudiana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 76-85.
- VIGANÓ, Carlo. A nova clínica, os novos dispositivos e a globalização. In: **Novas Conferências**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 131-147.

## Sobre a autora

### **Nara Gleisia Ferreira**

Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2013). Especialização em Revisão de Textos (2015) e em Psicanálise: clínica com criança e adolescente (2020) também pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre em Educação e Docência pela Universidade Federal de Minas Gerais (2024).